

Sobre a ideia de uma cultura Tecno-Estética em Gilbert Simondon^{1,2}

On the idea of a Techno-Aesthetic culture in Gilbert Simondon

VERONICA DAMASCENO

Professora Associada II da Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
Professora Convidada e Pós-Doutora pelo Département de Philosophie de l'Université Paris 1
Panthéon-Sorbonne (2019-2020). Chercheuse Associée au Département de Philosophie de
l'Université Paris Nanterre (2015/2023).
Rio de Janeiro-RJ, Brasil.
vmdamasceno@gmail.com

RESUMO

Esse trabalho visa introduzir o modo com o qual Gilbert Simondon apresenta a relação entre os modos de existência dos objetos técnicos e sua estreita ligação ou necessidade de inserção desses objetos na cultura, no pensamento estético e no pensamento filosófico. Para ele, há uma necessidade imperiosa de reconhecermos a importância desses objetos em nossa sociedade. Simondon ressalta que, tanto a cultura quanto o pensamento estético, de modos diferentes, são capazes de inserir os objetos técnicos na sociedade, uma vez que cada uma dessas atividades em sua especificidade própria, desempenha uma tarefa fundamental. Por um lado, a cultura é o que trazemos conosco, nossa história. Sem ela não há devir possível; por outro lado o pensamento estético é capaz de interromper a ruptura existente entre a técnica e a religião desde os primórdios de nossa existência. Mas, apesar disso, o autor assinala ainda a importância do pensamento filosófico, o qual é, para ele, o único capaz de fornecer as bases para um conhecimento tecnológico e fundar uma tecnologia, justamente por causa de sua neutralidade, a mesma neutralidade que o pensamento estético perde ao tentar ser funcional ou sagrado. Para Simondon, somente no nível do pensamento, mais primitivo e mais elaborado de todos, isto é, o pensamento filosófico, que é possível intervir uma mediação verdadeiramente neutra, equilibrada e completa entre fases opostas. É, portanto, o pensamento filosófico o único capaz de assumir o conhecimento, a valorização e o acabamento do lugar da tecnicidade, no conjunto dos modos de ser no mundo do homem.

Palavras - chave: Cultura. Estética. Simondon.

ABSTRACT

This work aims to introduce the way in which Gilbert Simondon presents the relationship between the modes of existence of technical objects and their close connection or need for insertion of these objects in culture, aesthetic thought and philosophical thought. For him, there is an imperative need to recognize the importance of these objects in our society. Simondon points out that both culture and aesthetic thought, in different ways, are capable of inserting technical objects into society, since each of these activities, in its own specificity, performs a fundamental task. On the one hand, culture is what we bring with us, our history. Without it there is no becoming possible; on the other hand, aesthetic thinking is capable of interrupting the rupture between technology and religion since the beginning of our existence. But, despite this, the author still points out the importance of philosophical thought, which is, for him, the only one capable of providing the bases for a

¹ Recebido em 10 junho de 2023. Aprovado em 20 de junho de 2023.

² Esse artigo é uma versão, com algumas alterações, da Conferência proferida no Canal PGCult UFMA You Tube, na ocasião da IX Semana acadêmica do PGCult & IV SIICS Simpósio Internacional e Interdisciplinar em Cultura e Sociedade do PGCult, 27-29 Setembro de 2022. [Mesa 2: Arte, Tecnologia e Educação - YouTube.](#)

technological knowledge and founding a technology, precisely because of its neutrality, the same neutrality that the Aesthetic thinking loses out in trying to be functional or sacred. For Simondon, only at the level of thought, the most primitive and most elaborate of all, that is, philosophical thought, is it possible to intervene in a truly neutral, balanced and complete mediation between opposing phases. It is, therefore, the philosophical thought the only one able to assume the knowledge, the valorization and the finishing of the place of the technicality, in the set of the ways of being in the world of the man.

Keywords: Culture. Aesthetics. Simondon.

INTRODUÇÃO

Esse trabalho visa introduzir o modo com o qual Gilbert Simondon apresenta a relação entre os modos de existência dos objetos técnicos e sua estreita ligação ou necessidade de inserção desses objetos na cultura, no pensamento estético e no pensamento filosófico. Para ele, há uma necessidade imperiosa de reconhecermos a importância desses objetos em nossa sociedade. Simondon ressalta que, tanto a cultura quanto o pensamento estético, de modos diferentes, são capazes de inserir os objetos técnicos na sociedade, uma vez que cada uma dessas atividades em sua especificidade própria, desempenha uma tarefa fundamental.³

Por um lado, a cultura é o que trazemos conosco, nossa história. Sem ela não há devir possível; por outro lado o pensamento estético é capaz de interromper a ruptura existente entre a técnica e a religião desde os primórdios de nossa existência. Mas, apesar disso, o autor assinala ainda a importância do pensamento filosófico, o qual é, para ele, o único capaz de fornecer as bases para um conhecimento tecnológico e fundar uma tecnologia, justamente por causa de sua neutralidade, a mesma neutralidade que o pensamento estético perde ao tentar ser funcional ou sagrado.

O PROBLEMA DO PROGRESSO

Para tanto, Simondon propõe que seja elaborada uma nova noção de progresso que corresponda à descoberta da tecnicidade no nível dos conjuntos de nossa época, graças à teoria da informação e da comunicação. Segundo ele, o progresso otimista do séc. XVIII corresponde a uma tomada de consciência do aperfeiçoamento dos elementos e o progresso

³ Ressaltamos que a expressão *tecno-estética* é mencionada por Simondon em sua carta à Jacques Derrida, mas consideramos que, em certo sentido, a ideia está desenvolvida em sua obra *Do modo de ser dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020. p.228. “Sobre a tecno-estética: carta a Jacques Derrida” in: ARAÚJO, H. R. (org.) *Tecnociência e cultura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

pessimista e dramático, do séc. XIX, compreende a substituição do indivíduo humano, portador de ferramentas, pelo indivíduo máquina e ainda à inquietude dessa frustração.

Tal progresso traz em seu bojo as questões que concernem ao capitalismo financeiro, a exploração da natureza e da humanidade, para falar em termos gerais. Nossa abordagem visa, não necessariamente, uma crítica à técnica, sobretudo, se considerarmos, por exemplo, como assinala Gilbert Simondon, em um artigo sobre *Os limites do progresso humano*: “O problema do progresso humano só pode ser colocado se fizermos intervir o sistema completo de atividade e de existência, constituído pelo que o homem *produz* e pelo que o homem *é*”. (SIMONDON, 1994. p.268).

Para o autor, considerar o que o homem produz, como a linguagem e a técnica, não é suficiente para estimar o progresso humano, nem prever seu desenvolvimento em função do tempo, porque a atenção é dirigida tão-somente a um objetivo da atividade humana. Por esta razão, para ele, enquanto encaramos a única concretização objetiva não é possível estabelecer nenhum critério que nos permita escolher um determinado sistema de concretização, tendo em vista fazer dele um único signo do progresso humano.

É possível observar ainda que há progresso humano *somente se*, passando de um ciclo autolimitado ao ciclo seguinte, o homem aumenta a parte dele próprio, que se encontra engajada no sistema criado por ele, a partir da concretização objetiva. Simondon assinala ainda que: “Há progresso se o sistema homem-religião é mais dotado de ressonância interna do que o sistema homem-linguagem e se o sistema homem-técnica é mais dotado de ressonância interna do que o sistema homem-religião” (SIMONDON, 1994, p.270).

Para que o progresso técnico seja considerado um progresso humano ele precisa implicar uma reciprocidade entre o homem e as concretizações objetivas. Isso significa que é necessário haver uma homogeneidade entre os diferentes domínios de desenvolvimento técnico. O progresso técnico seria um progresso profundamente humano se ele já fosse um progresso do conjunto das técnicas, aí compreendida a agricultura que é, por excelência, em todos os sentidos do termo a parente pobre do petróleo, segundo o autor.

Esse progresso seria muito mais lento em cada ponto e muito mais profundo em sua totalidade e, portanto, seria realmente um progresso maior, pois transformaria todas as condições da vida humana, aumentaria a relação entre o que o homem produz e o que ele é. O verdadeiro progresso técnico poderia ser considerado como aquilo que implica um progresso humano, se houvesse uma estrutura em rede e as malhas dessa rede fossem a realidade humana. Nesse caso, o progresso não seria somente um conjunto de concretizações objetivas.

Para que o progresso técnico seja autorregulador, é preciso que ele seja um progresso de conjunto. Isso significa que cada domínio da atividade humana, que emprega técnicas, deve estar em comunicação com todos os outros domínios. Desse modo, o progresso será orgânico e fará parte da evolução do homem.

O PROGRESSO ENTRE A CULTURA E A FILOSOFIA

Para Simondon, a questão dos limites do progresso, só pode ser colocada em termos de limites do pensamento. Nesse sentido, quando ele fala em pensamento ele se refere especificamente à filosofia, pois é ela, é o pensamento filosófico que aparece como grande potência da evolução da espécie humana. O pensamento filosófico precisa guiar a atividade técnica do homem, pois é nesse domínio que existe o grande perigo da alienação e onde se encontra ainda a ausência de estrutura que impede o progresso de ser parte integrante do progresso humano e de formar um sistema com o homem.

Só o pensamento filosófico assegura a continuidade entre as fases sucessivas do progresso. Somente ele pode manter a preocupação de totalidade e fazer com que a descentralização do homem, paralelo à alienação, não se efetue. Somente o pensamento filosófico é comum ao progresso da linguagem, da religião e da técnica.

Simondon assinala ainda a importância da filosofia para assumir o conhecimento, a valorização e o acabamento do lugar da tecnicidade no conjunto dos modos de ser no mundo do homem. Para tanto, é preciso considerar ainda a relação entre ciência e técnica, teologia e mística, segundo um esquema de defasagens e de integrações. Para ele, a filosofia precisa fazer a integração da realidade técnica com a cultura universal, criando então uma tecnologia.

A condição primordial para incorporar, na cultura, o conhecimento da realidade técnica, e os valores decorrentes da realidade técnica é, para ele, a criação de condições que permitam ao homem ver a relação técnica funcionar de maneira objetiva. Para se constituir, a cultura literária, por exemplo, precisou de sábios que tinham vivido e contemplado as relações humanas com um distanciamento que lhes dava serenidade e profundidade de avaliação, ao mesmo tempo que mantinham uma intensa presença entre os seres humanos.

Para Simondon, a cultura técnica não pode se constituir sem um tipo de sabedoria, que ele designa sabedoria técnica. Nem o trabalhador, ou operador de máquinas que as opera em seu cotidiano, nem o proprietário delas - que as vê como um capital produtivo - compreendem sua essência técnica. Somente o mediador da relação entre as máquinas pode

descobrir essa forma particular de sabedoria. Tal função seria o que ele designa *mecanólogo*, uma espécie de psicólogo ou sociólogo das máquinas, pois seria complicado pensar no engenheiro de organização já que ele está preocupado com o rendimento imediato e é regido por uma finalidade externa ao regime das máquinas.

Encontramos um esboço dessa tentativa na intenção de Norbert Wiener, ao fundar a cibernética, a ciência do controle e da comunicação no ser vivo e na máquina. Mesmo que seu sentido tenha sido mal compreendido a partir de julgamentos antigos. Para Wiener, todos os adeptos da cibernética, juntos, diante dos homens que presidem os destinos coletivos, ficam como ratos querendo pendurar uma sineta no pescoço do gato.⁴

Em conformidade com Simondon, a verdadeira mediação entre a técnica e o poder só pode ser realizada com a intermediação da cultura e, portanto, não pode ser individual, uma vez que a cultura recebida pela humanidade é o que possibilita ao homem governar. É ela que lhe dá significações e valores. Ainda que o homem governe outros homens e máquinas é, precisamente, a cultura que governa o homem. Essa cultura é elaborada pela grande massa dos governados, de modo que o poder exercido pelos homens não vem propriamente deles, mas somente se cristaliza e se concretiza neles; o poder vem dos homens governados e retorna a eles.

Há nisso uma espécie de recorrência, pois quando o desenvolvimento das técnicas era menor, a elaboração da cultura pelos homens governados era suficiente para que o governo pensasse os problemas do grupo: nesse sentido, a recorrência da causalidade e da informação era completa e consumada, porque ia do grupo humano a si mesmo através do governante. Hoje é um pouco diferente: a cultura continua sendo produzida pelos homens, mas depois de passar pelo governante ela retorna e se aplica aos homens e também às máquinas. As máquinas são, portanto, regidas por uma cultura que não foi elaborada por elas e em sua ausência. Desse modo, para o autor, essa cultura é inadequada às máquinas e não as representa. Nesse sentido, a cultura é reguladora, pois estabelece o vínculo de causalidade circular entre governantes e governados, sendo os governados seu ponto de partida e de chegada.

A tarefa do tecnólogo é, então, a de ser o representante dos seres técnicos, junto àqueles que elaboram a cultura, isto é, escritores, artistas e os que Simondon chama de *luminares da psicologia social*. Nesse sentido, não se trata de mecanizar a sociedade pelo fato

⁴ A esse respeito cf. WIENER, Norbert. *Cybernetics*, p.189. Apud. SIMONDON. *Do modo de existência dos objetos técnicos*. op.cit p.228.

de integrar à cultura uma representação adequada das realidades técnicas. A integração, de realidades técnicas à cultura, por uma elevação e uma ampliação do campo técnico, deve repor em seu lugar, como técnicas, as questões de finalidade, erroneamente consideradas éticas e às vezes religiosas.

Por isso, os objetos técnicos precisam ser conhecidos em sua atualidade, assim como sua tecnicidade precisa ser conhecida como modo de relação do homem com o mundo, como o modo religioso e o modo estético, por exemplo. Considerada isoladamente, a tecnicidade tende a ser dominadora e dar resposta a todos os problemas, como é o caso da cibernética. Para ser conhecida corretamente, em sua essência, e diretamente integrada à cultura, a tecnicidade precisa ser conhecida em sua relação com outros modos humanos de ser no mundo.

A ESTÉTICA ENTRE A TÉCNICA E A RELIGIÃO

Para que os objetos técnicos sejam conhecidos e reconhecidos, Simondon propõe que seja feito um exame direto da tecnicidade segundo um método genético. Um tal método pressupõe, segundo a definição apresentada por ele em *A individuação à luz das noções de forma e de informação* (SIMONDON, 2020), a ideia de gênese como um processo de individuação em sua generalidade. Isso quer dizer que:

Existe gênese quando o devir de um sistema, de realidade primitivamente supersaturado, rico em potenciais, superior à unidade e contendo uma incompatibilidade interna, produz nesse sistema, uma descoberta de compatibilidade, uma resolução por advento de uma estrutura. Tal estruturação gera uma organização, a qual é a base de um equilíbrio de metaestabilidade. Essa gênese se opõe à degradação das energias potenciais contidas num sistema, pela passagem de um estado estável a partir do qual já não é possível nenhuma transformação. (SIMONDON, 2020, p.234)

Podemos conceber a tecnicidade que se manifesta, pela utilização de objetos, como algo que aparece em uma estruturação e que resolve provisoriamente os problemas levantados pela fase primitiva e original da relação do homem com o mundo. A essa fase, Simondon designa *fase mágica*, no sentido mais lato da palavra, e o modo mágico da existência ele nomeia pré-técnico e pré-religioso. Esse modo mágico de relação com o mundo não é inteiramente desprovido de organização, mas é rico em organização implícita, ligada ao mundo e ao homem. A relação homem e mundo ainda não está inteiramente estruturada

individualmente, mas existe funcionalmente numa primeira estruturação, a mais elementar de todas, aquela que distingue figura e fundo no universo.

A tecnicidade aparece então como estrutura que resolve uma incompatibilidade, isto é, ela especializa as funções figurais, enquanto as religiões especializam as funções de fundo. O universo mágico original, rico em potenciais, estrutura-se ao se desdobrar. A tecnicidade aparece como um dos dois aspectos de uma solução para o problema da relação entre homem e mundo. O outro aspecto, simultâneo e correlato, é a instituição das religiões.

O surgimento da tecnicidade marca, então, uma ruptura e um desdobramento na unidade mágica primitiva. Ambas herdam um poder de divergência evolutiva. No devir do homem no mundo, essa força de divergência deve ser compensada por uma força de convergência, uma função que mantenha a unidade, apesar da divergência.

Essa ruptura ou distância entre a técnica e a religião faz nascer o pensamento estético. Desse modo, o pensamento estético é, então, uma mediação entre técnica e religião. Por isso o pensamento estético se situa num ponto neutro, prolongando a existência da magia.⁵

Para Simondon, o pensamento estético não é, nem de um domínio limitado, nem de uma espécie determinada, mas corresponde a uma tendência. Para ele, a *impressão estética* é o que há em comum entre o pensamento religioso e o pensamento técnico e é precisamente essa impressão que possibilita religar essas duas partes e, por efeito, abandonar o pensamento mágico. A impressão estética não corresponde a uma obra artificial, como observa o autor:

A impressão estética não é relativa a uma obra artificial; ela assinala, no exercício de um modo de pensamento posterior a seu desdobramento, uma perfeição do acabamento que torna o conjunto dos atos do pensamento capazes de ultrapassar os limites de seu domínio para evocar o acabamento do pensamento em outros domínios; uma obra técnica muito perfeita para equivaler a um ato religioso, uma obra religiosa muito perfeita para ter a força organizadora e operante de uma atividade técnica que lhe dá o sentimento da perfeição (SIMONDON, 1989, p.180)

O pensamento imperfeito, para ele, permanece em seu domínio, a perfeição do pensamento permite a transição para outro modo de pensar, que confere ao ato particular, em seu acabamento, uma entrada universal, com a qual retoma, no fim do esforço humano, algo equivalente à totalidade mágica abandonada na origem. É preciso que o próprio mundo esteja

⁵ Nesse sentido, compreendemos que Simondon se aproxima, em certo sentido de Bergson, quando este afirma a potência do que ele designa *função fabuladora*. Essa função se inicia nas religiões tradicionais, tais como o judaísmo e o budismo e se expande para a arte, no sentido da criação. A esse respeito cf. BERGSON, Henri. *Le Deux Sources de la morale et de la religion*. Édition établie sous la direction de Paul-Antoine MIQUEL. Paris: Flammarion, 2012.

presente e autorize esse acabamento após um longo desvio. A impressão estética implica, pois, o sentimento da perfeição completa de um ato, perfeição que lhe dá objetivamente uma radiação e uma autoridade, com a qual ela se torna um ponto notável da realidade vivida, um nó da realidade experimentada. Esse ato se destaca quando comparado aos outros. A partir disso, um parentesco superior se cria e reconstitui algo semelhante da rede mágica do universo.

O que define o objeto estético é a *inserção* e não a *imitação*. Por inserção Simondon quer dizer algo que completa, participa, continua ou complementa, em certo sentido, o mundo, que faz parte dele e não somente o imita. Desse modo, afirma o autor que, uma parte da música que imita algum ruído não pode se inserir nele, pois ela retoma alguns elementos do universo, por exemplo, o barulho do mar, ao invés de se inserir nele. Ao passo que uma estátua, em certo sentido, imita o homem e o retoma, mas não é nesse sentido que ela é obra estética e sim porque ela é a arquitetura de uma vila, marca o ponto mais alto de um promontório, termina uma muralha, sobrepõe-se a uma torre, por exemplo.

A obra de arte é o resultado dessa exigência de criação, dessa sensibilidade, e, portanto, não copia o mundo ou o homem, mas o prolonga e se insere nele. Mesmo se ela é desligada, desprendida, a obra estética não vem de uma ruptura do universo ou mesmo do tempo vital do homem, isto é, da própria realidade já dada, e lhe acrescenta estruturas construídas sobre fundações que participam do real e se inserem no mundo. Mas a obra de arte faz um rebento no universo, o prolonga, constrói uma rede de obras, ou seja, de realidades de exceção, radiações, pontos chave de um universo, ao mesmo tempo humano e natural. E, como assinala Simondon:

Mais desprendida do mundo e do homem que a antiga rede de pontos chave do universo mágico, a rede espacial e temporal das obras de arte é, entre o mundo e o homem, uma mediação que conserva a estrutura do mundo mágico. (SIMONDON, 1989, p.184)

Seria possível ainda afirmar que há uma transição contínua entre o objeto técnico e o objeto estético, pois alguns objetos técnicos têm valor estético e, por isso, podem ser chamados *belos*. Nesse sentido o objeto estético poderia ser concebido como não inserido em um universo e ainda desprendido como o objeto técnico, já que um objeto técnico poderia ser considerado como objeto estético. Mas existe, em alguns casos, uma beleza própria aos objetos técnicos e essa beleza aparece quando esses objetos são inseridos no mundo. Nesse

caso, a impressão estética é relativa à inserção, ela é como um gesto. E, nas palavras de Simondon: “Todo objeto técnico, móvel ou fixo, pode ter sua epifania estética na medida em que ele prolonga o mundo e se insere nele”. (SIMONDON, 1989, p.185).

Todavia, não é somente o objeto técnico que é belo, mas o ponto singular do mundo que concretiza o objeto técnico. Nesse sentido, por exemplo, a linha de alta tensão só é bela quando atravessa um vale, a viatura quando se vira, o trem quando parte ou sai de um túnel. E, como assinala Simondon: “O objeto técnico é belo quando encontra um fundo que lhe convém, do qual ele pode ser a própria figura, isto é, quando ele acaba e exprime o mundo”. (SIMONDON, 1989, p.185). Desse modo, o autor observa que o objeto estético não é exatamente um objeto, mas um prolongamento do mundo natural ou humano, que permanece inserido na realidade que o suporta, ele é o ponto notável de um universo. Esse ponto é o resultado de uma elaboração e se beneficia da técnica. Ele não é arbitrariamente colocado no mundo, mas o representa e focaliza suas forças, suas qualidades. O objeto técnico só é belo porque está inserido no mundo natural ou humano, como a realidade estética.

Todavia, a realidade estética se distingue da realidade religiosa, pois ela não se deixa subjetivar, nem se universalizar. O conjunto das obras de arte continua o universo mágico, mantém sua estrutura e marca o ponto neutro entre a religião e a técnica. Através da obra estética o ato religioso se insere, pois é o próprio ato religioso que se impõe, que se torna outro: um canto, um cântico, uma celebração se inserem *aqui e agora*. Para Simondon o gesto religioso é belo quando ele prolonga o mundo natural e o mundo humano. Um templo, um santuário, não são construídos, por acaso, de modo abstrato, sem relação com o mundo. Há lugares do mundo natural que apelam um santuário, como há momentos da vida humana que também demandam uma celebração sacramental. É, pois, a atividade estética que possibilita a relação entre religião e técnica. Sem a estética, ambas permaneceriam em um estado neutro, numa zona sem estrutura e qualidade.

A obra estética não está, pois, ligada somente ao mundo e ao homem, como uma realidade intermediária única, mas ela também é ligada às demais obras, sem se confundir com elas, mas se diferenciando delas e ainda sem ter uma continuidade material com elas, guardando, desse modo, sua singularidade. O universo estético se caracteriza, então, pela potência de passagem de uma obra a outra através de uma analogia. Esta analogia é a operação mais fundamental de existência dos seres, aquilo que faz com que neles um devir possa existir. É esse devir que os desenvolve fazendo aparecer figura e fundo e, nas palavras de Simondon:

[...] a estética compreende a maneira com a qual os seres aparecem, se manifestam [...] se desdobrando em figura e fundo; o pensamento técnico só compreende as estruturas figurais dos seres que ele assimila a seus esquemas; o pensamento religioso só compreende o fundo de realidade dos seres, através do qual eles são puros ou impuros, sagrados ou profanos, santos ou maculados. (SIMONDON, 1989. p.190)

Para o autor, a Estética compreende, pois, o lugar de relação, aquilo que liga, que reúne a técnica e a religião. O pensamento estético não é somente uma lembrança do pensamento mágico, mas é ele que mantém a unidade do devir do pensamento, se desdobrando em técnica e religião.

Todavia, a obra estética não é completa ou absoluta, mas o que conduz a isso, ou seja, ela ensina como atingir a obra completa, a qual dever estar no mundo e fazer parte dele, como se, de fato, ela pertencesse a ele e não como uma estátua no jardim que, por conta de sua beleza, o torna belo. Mas, ao contrário, é graças ao jardim que a estátua pode aparecer como bela, enquanto beleza e não o contrário disso. Não é o objeto que é belo, mas o encontro que opera, a propósito do objeto, entre um aspecto real do mundo e um gesto humano.

Em nossa civilização um hiato se manifesta entre as atitudes suscitadas no homem, pelo objeto técnico e a verdadeira natureza desses objetos. Dessa relação inadequada e confusa resulta um conjunto de valorizações e desvalorizações mitológicas. Para substituir essa relação inadequada por uma verdadeira relação é preciso operar uma tomada de consciência do modo de existência dos objetos técnicos. Elaborar uma nova noção de progresso que corresponda à descoberta da tecnicidade no nível dos conjuntos de nossa época, graças à teoria da informação e da comunicação.

A verdadeira natureza do homem não é ser portador de ferramentas e, portanto, concorrente das máquinas, mas sim inventor de objetos técnicos e vivos capazes de resolver problemas de compatibilidade entre as máquinas. Ele as coordena e organiza sua relação mútua, mais do que as governa, ele as compatibiliza. Ele é agente e tradutor entre as máquinas. O automatismo puro exclui o homem, e o vivo, e não corresponde ao mais alto nível técnico. Não há máquina das máquinas.

A hipótese de base filosófica pressupõe a existência de um modo primitivo de relação do homem com o mundo, que é o modo mágico. De uma ruptura interna dessa relação saem duas fases simultâneas e opostas: a fase técnica e a fase religiosa. A tecnicidade é a mobilização das funções figurais, a mostra dos pontos chaves da relação do homem com o

mundo e a religiosidade é, ao contrário, o efeito das funções do fundo, o apego à totalidade em seu fundo. Essa relação defasada do homem com o mundo recebe uma imperfeita mediação da atividade estética.

O pensamento estético conserva uma espécie de nostalgia da relação primitiva do homem com o mundo, ele é a neutralidade entre fases opostas. Mas seu caráter concreto de construtor de objetos limita sua *potência* mediadora, pois o objeto estético perde sua *neutralidade* e, por consequência, seu poder de mediação ao tentar se tornar funcional ou sagrado.

Para Simondon, somente no nível do pensamento, mais primitivo e mais elaborado de todos, isto é, o pensamento filosófico, que é possível intervir uma mediação verdadeiramente *neutra, equilibrada e completa* entre fases opostas. É, portanto, o pensamento filosófico o único capaz de assumir o conhecimento, a valorização e o acabamento do lugar da tecnicidade, no conjunto dos modos de ser no mundo do homem.

REFERÊNCIAS

BERGSON, Henri. *Le Deux Sources de la morale et de la religion*. Édition établie sous la direction de Paul-Antoine MIQUEL. Paris: Flammarion, 2012.

COMBES Muriel. *Simondon individu et collectivité*. Paris: PUF, 1999.

HOTTOIS, Gilbert. *Simondon et la philosophie de la "culture technique"*. Bruxelles: De Boeck Université, 1993.

LÉVY, Pierre. *As tecnologias da inteligência*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34 Letras, 1993.

_____. *Cibercultura*. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Ed. 34 Letras, 1999.

NOVAES, Thiago; VILALTA, Lucas; SMARIERI, Evandro (orgs.) *A máquina aberta: a mentalidade técnica de Gilbert Simondon*. São Paulo: Dialética, 2022.

SIMONDON, Gilbert. *A individuação à luz das noções de forma e de informação*. Tradução de Luís Eduardo Ponciano Aragon e Guilherme Ivo. São Paulo. Ed. 34 Letras, 2020.

_____. *Do modo de ser dos objetos técnicos*. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 2020.

_____. *Du mode d'existence des objets techniques*. Paris: Aubier, 1989.

_____. “Étude critique: les limites du progrès humain” in: CHÂTELET, Gilles (org.). *Gilbert Simondon: une pensée de l’individuation et de la technique*. Paris: Albin Michel, 1994.

_____. SIMONDON, Gilbert. *L’Individu et sa Genèse Physicobiologique*. Paris: PUF, 1964.

_____. “Sobre a tecno-estética: carta a Jacques Derrida” in: ARAÚJO. H, R. (org.) *Tecnociência e cultura*. São Paulo: Estação Liberdade, 1998.

VIRILIO, Paul. *A bomba informática*. Tradução de Luciano Vieira Machado. São Paulo: Estação Liberdade, 1999.